



MEMÓRIA COLETIVA - PÁGINAS 4 e 5

Professor defende adoção de políticas de manutenção e acesso a registros audiovisuais no Brasil

E mais: Artigo docente traz análise sobre atuação de Chico Mendes; Vice-diretor da FCL fala sobre os desafios vivenciados neste ano em entrevista; Minicurso apresenta informações sobre a linguística e a gramática e das línguas de sinais; egresso da UNESP/Assis é autor de livros e lança sua própria editora; Representantes dos cursos comentam suas impressões sobre o ano de 2020 e expectativas para 2021; Conto literário é destaque da Seção Cultural ; Diretor e Vice deixam mensagem de reflexão à comunidade unespiana.



jornal
NOSSO CÂMPUS

Informativo da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis
Ano XV ed. 64 [dezembro de 2020]

Uma sala de aula chamada '2020'



O ano de 2020 foi um ano atípico. Todos viramos alunos. Professores, funcio-

nários, alunos, pais. Sem exceção, todos viramos alunos. Também foi o ano em que nos vimos no auge das informações, mas, ao mesmo tempo, desamparados. Todos tivemos que aprender e reaprender, descobrir e redescobrir. Os esforços foram gigantescos, logo devem e merecem ser reconhecidos.

A ansiedade do primeiro dia de aula, de conhecer um lugar novo, começar uma vida nova e a felicidade de formar-se em uma faculdade são sentimentos parecidos, mas sempre se mantiveram distantes em alguns anos, em que caminhos diferentes foram traçados. Apesar de suas diferenças, esses dois extremos ganharam um componente comum: a incerteza.

Diante de tantas incertezas vimos o poder da adaptação e da reinvenção. Pudemos ver professores da nossa Faculdade participando de *lives* e eventos transmitidos por outros estados, como por exemplo Brasília, e também tivemos o prazer de conhecer professores de longe, por exemplo dos Estados Unidos. Vimos projetos realizados em eventos semanais que acolheram a comunidade de forma inimaginável e fizeram a diferença. Pudemos apresentar nossas pesquisas e conhecer centenas de outras. Aprendemos a usar tecnologias digitais e ensinamos também a usá-las.

Em um momento, em que os abraços viraram escassos, pudemos ser acolhidos virtualmente por profissionais, por ami-

gos, por pessoas que estavam entregando tudo o que podiam pelo outro e isso foi admirável.

Nós, equipe do JNC, presenciamos diversos eventos da nossa Universidade e temos orgulho de poder divulgá-los aqui, prestigiando o esforço de cada palestrante, de cada organizador, de cada ouvinte, de cada assistente técnico para fazer tudo isso acontecer e não permitir que o distanciamento social realmente nos impedisse de participar.

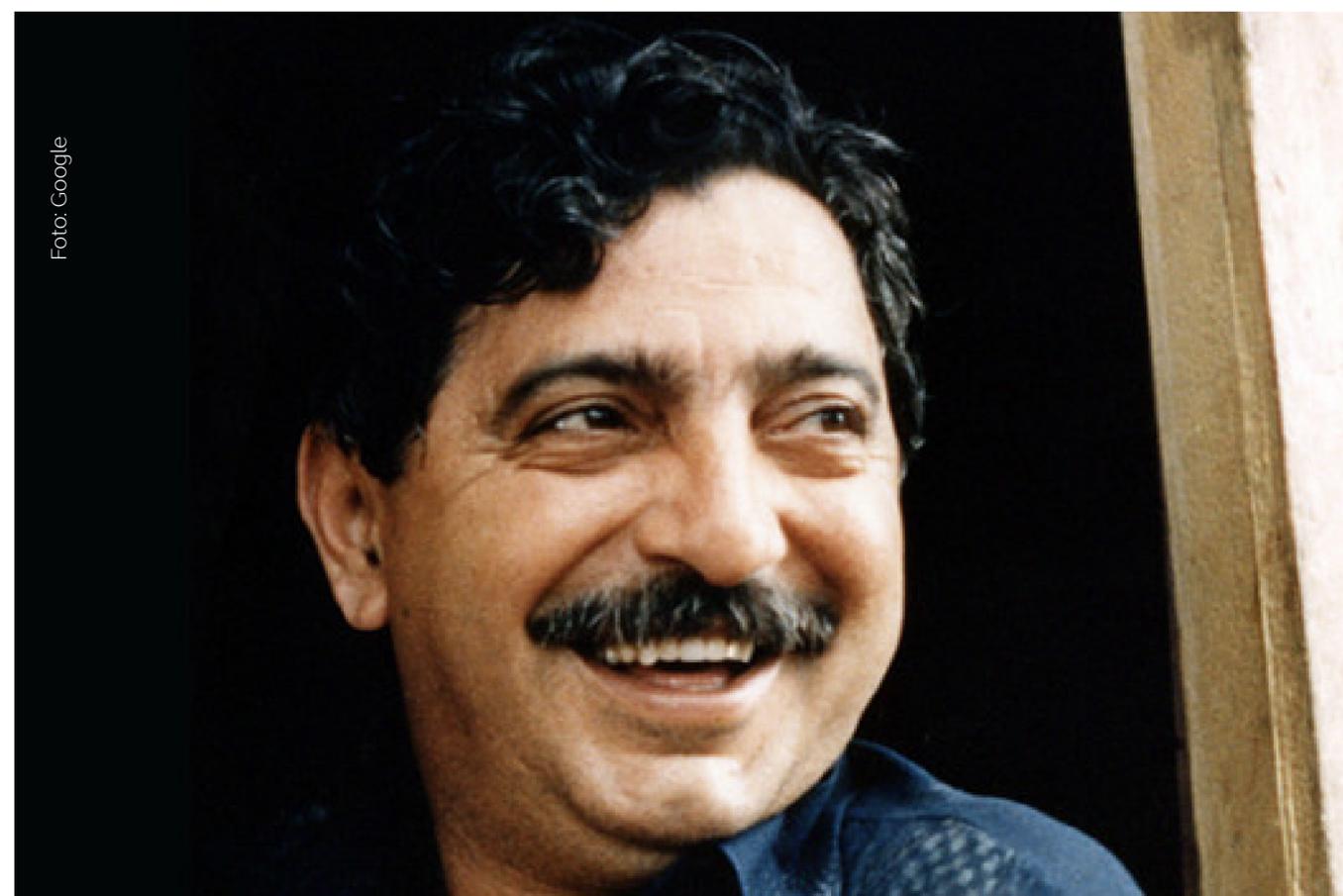
Cada entrevista que nos foi concedida, cada comentário que nos trouxe incentivo, cada leitor, cada novo evento nos impulsionou a fazermos e a trazermos o melhor e, então, não poderíamos deixar de nos sentirmos mais gratificados.

Todos nós da equipe do **Jornal Nosso Câmpus** agradecemos a cada um pelas contribuições e desejamos que o ano de 2021 seja melhor e nos seja possível usar tudo aquilo que aprendemos para nos tornarmos melhores em uma realidade melhor.

Karen Titz

assina o editorial desta edição em nome de toda a equipe do **Jornal Nosso Câmpus**.

Chico Mendes e o extrativismo do bem



A grande seca de 1877-1879 empurrou muitas famílias para a Amazônia, onde florescia o negócio da borracha, tirada da seringa (*Hevea brasiliensis*), uma árvore nativa já conhecida pelos povos da floresta. O produto se tornou insumo durante a segunda revolução industrial nos países centrais. Grandes obras de infraestrutura foram feitas, como a estrada de ferro Madeira-Mamoré, acompanhando rios que desembocavam no Amazonas, e visava escoar a produção até o oceano Atlântico. Começou a ser construída em 1907, e quando esteve concluída, em 1912, a produção das plantações da Malásia, Sri Lanka e África subsaariana era mais conveniente aos compradores e o *boom* da borracha amazônica acabou.

Os trabalhadores que haviam chegado do Nordeste, porém, não voltaram. Pelo menos 30 mil morreram de endemias tropicais, para as quais não tinham anticorpos. Alguns sobreviventes aprenderam a se adaptar ao território com os povos da floresta: se encabocaram. Outros, de maneira eventual ou permanente, se empregaram em seringais que persistiram na região, com relações de trabalho subassalariado, regime de barracão e formas, outras, de trabalho forçado.

Chico Mendes nasceu em 1944, num seringal de Xapuri, no estado amazônico de Acre, filho de cearenses. Quando tinha 19 anos, o militante comunista Euclides Távoira, o ensinou a ler. O avanço da fronteira da pecuária fez declinar ainda mais os seringais, derrubando a floresta e as árvores nativas para criar pastagens. As condições de trabalho pioraram nos seringais que sobraram. Em 1975, Chico Mendes começou sua atividade sindical e dois anos depois participou da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e, em 1980, do Partido dos Trabalhadores em Acre. Em 1985, organizou o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros. Denunciou os projetos financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento que estavam promovendo a destruição ambiental. Sua ação deteve a execução de tais projetos.

Em 1988, promoveu a criação de reservas extrativistas no Acre. Ele propunha uma reforma agrária que, por um lado, permitisse aos trabalhadores extrativistas a possibilidade de obter alimento e renda sem se submeter à exploração dos proprietários e preservando a floresta. Chico Mendes pensava no tipo de extrativismo praticado pelos povos da terra e pelos caboclos, que supõe restituição do que é

extraído e reciprocidade com os outros seres da natureza, para manter e expandir a abundância.

Foi acusado e ameaçado de morte por fazendeiros da região, vinculados à União Democrática Ruralista, recentemente criada. Em 22 de dezembro de 1988 foi assassinado no fundo da sua casa, em Xapuri, por grileiros da região. Em 2007, uma antiga companheira de lutas e, então, ministra do Meio Ambiente Marina Silva criou o Instituto Chico Mendes, autarquia que administraria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.

Silvia Adoue é professora na Universidade Estadual Paulista, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Professor da FCL participa de Seminário Internacional sobre “Arquivos audiovisuais na América Latina”

O Brasil encontra-se na lista de países que não possuem uma legislação plural de acesso e manutenção dos acervos; Altos custos de arquivamento e rígido controle das emissoras são os principais motivos

Mateus Abreu

Recentemente, o professor Áureo Busetto, do Departamento de História da UNESP/Assis, participou do Seminário Internacional *on-line* Arquivos audiovisuais na América Latina: acesso, valor e preservação. Sua palestra foi sobre o tema: Organização e acesso aos arquivos de TV na França, Inglaterra e Brasil.

O evento, uma iniciativa da Federação Internacional dos Arquivos de Televisão (FIAT) em parceria com a TV Cultura, aconteceu entre os dias 29 e 30 de setembro, e reuniu vários estudiosos da televisão, responsáveis por organização de acervos televisivos e agentes produtores de conteúdo do meio, quer atuantes no Brasil quer em vários outros países, tendo como objetivo central discutir sobre o valor histórico e cultural da televisão, bem como sobre os desa-

fos da preservação e acesso de seus arquivos audiovisuais. O professor Áureo falou sobre as dificuldades encontradas pelo historiador-pesquisador referentes à pesquisa em televisão. De que importa definir a televisão como o objeto de estudo do pesquisador, se os acervos e documentação necessários para o desenvolvimento da pesquisa são inacessíveis devido aos obstáculos de acesso.

Segundo o professor, os acervos televisivos são desguarnecidos de uma série de registros de conteúdos veiculados nas primeiras décadas de funcionamento do meio em razão de obstáculos como: “o custo elevado da fita de VT; a existência da noção de que a produção televisiva era de cunho efêmero; o generalizado entendimento técnico de que a fita de VT servia, antes, como ferramenta de produção do que de arquivamento; e quando ocorria o arquivamento de VTs, esse não se dava em condições específicas contra o potencial altamente infla-



Foto: Reprodução

mável e o alto grau de deterioração do suporte material, não raramente sendo os seus acervos consumidos por incêndios, como fora comum no Brasil dos anos 1960 a 1970”.

Ainda que as condições de acervo dos materiais televisivos após a década de 70 sejam mais favoráveis à preservação, o historiador ainda encontra empecilhos em seu trabalho no que diz respeito ao acesso a eles. A utilização dos materiais dependerá de quem tem sobre eles direito: se de domínio público, ou de domínio particular (das emissoras). Apesar de certas exigências quanto ao acesso aos arquivos públicos, estes são mais favoráveis ao historiador do que os acervos particulares. “Todavia, os acervos de audiovisuais das próprias emissoras costumemente são resguardados das vistas dos pesquisadores. O acesso a arquivos em emissoras privadas ou públicas, quando possibilitado, se dá quase sempre de maneira muito parcial”, disse o professor.

Assim, o Brasil encontra-se na lista de países que não possuem uma legislação plural de acesso e manutenção dos acervos. No concernente a acesso a arquivos públicos, o pesquisador dispõe de acervos constituídos com re-

Em sua fala, o professor comparou a forma de conservação dos registros televisivos no Brasil e em outros países, citando a dificuldade enfrentada por pesquisadores ao tentarem acessar os arquivos das emissoras brasileiras, que mantêm um controle rígido de suas produções, o que pode abrir espaço para diversas formas de manipulação da memória coletiva nacional.

gistros bem parciais de conteúdos produzidos por emissoras extintas conservadas, como são os casos do acervo da TV Tupi, de São Paulo, catalogado e digitalizado pela Cinemateca de São Paulo, e o da Tupi carioca, depositado no Arquivo Nacional (AN), Rio de Janeiro.

Segundo o professor, a Rede Globo instituiu, há cerca de uma década, o programa “Globo Universidade”, graças ao qual os pesquisadores podem visualizar cenas e trechos da teledramaturgia, jornais, programas de auditórios e outros. Porém, o pesquisador interessado no programa tem pela frente algumas dificuldades como: espera da aprovação da empresa que pode durar meses; justificativas para o acesso; limite de conteúdo visualizado; e impedimento de registros visuais e fotográficos dos acervos. “Sem arquivos públicos dedicados ao audiovisual televisivo ou medidas legais que permitam o acesso aos acervos das emissoras para efeito de pesquisas acadêmicas, todas emis-

soras, cabe lembrar, concessionárias de serviço público, o pesquisador fica à mercê de uma sorte variável de esquemas limitadores e improvisados de consulta, ou mesmo de interdição aos acervos televisivos”, lamenta o Áureo Busetto.

O professor realiza um paralelo entre França, Grã Bretanha e Brasil, no que diz respeito aos acervos televisivos. Diz que, na França e Grã-Bretanha, diferentemente do Brasil, as políticas públicas de acesso e manutenção são eficientes e condizem com seus propósitos. O *Institut National de l’Audiovisuel* (INA) da França, criado em 1974, surgiu como uma instituição pública de arquivos da produção radiofônica (emitidas a partir dos anos de 1930) e televisiva (emissões desde 1949). Ademais, o instituto, quando fundado, era de caráter comercial, voltado principalmente para a retransmissão e a venda do material arquivado.

Em janeiro de 1995, o INA criou a *Ina-*

thèque, embasado em políticas públicas garantidas pela Lei de Depósito Legal. Tal lei, instituída em 1992, estabeleceu como obrigatório que emissoras nacionais de rádio e TV enviem seus programas para a conservação patrimonial e acesso à pesquisa. Assim, a *Inathèque* foi instaurada, em 1998, na Biblioteca Nacional da França (BNF). Seu acervo reúne todos os gêneros da TV conhecidos desde 1949 até a atualidade e recebe mais de 100 mil horas de emissões de TV e rádio por ano, material que é analisado e indexado por uma equipe de arquivistas.

Segundo o professor, os arquivos audiovisuais televisivos britânicos são compartilhados entre a BBC e o *British Film Institute* (BFI). Os arquivos de materiais televisivos voltados para o ensino superior são regidos por gravações da Agência de Registros Educacionais. Tais programas são produzidos e exibidos pelas emissoras de TV britânicas, e são captados fora do ar sob a responsabilidade do *British University Film and Video Council*.

Os arquivos de audiovisuais televisivos no BFI são compostos de materiais adquiridos por captação externa, em vários formatos de suportes midiáticos conhecidos desde os anos de 1950. Logo, o BFI possui coleções de conteúdos transmitidos por emissoras em suas primeiras fases de funcionamento, todas doadas pelas emissoras.

Áureo Busetto diz que, caso fossem adotadas medidas semelhantes às de tais países, o Brasil seria significativamente beneficiado: mídias arquivadas seriam mais reconhecidas por representarem a memória coletiva do Brasil; à sociedade brasileira seria consolidado o direito à informação, e, aos pesquisadores, o acesso livre e direto a todo o material arquivado sem empecilhos externos.

“Sem uma política de arquivamento do material televisivo ou a instituição de arquivos públicos para tanto, as emissoras brasileiras supostamente legarão para o futuro, quando não indiretamente e com lances do destino, acervos com registros de programas distantes das edições levadas ao ar. O que não deixa, em parte, de abrir todo um leque de alternativas de manipulação da memória coletiva nacional”, disse o professor.

Foto: Reprodução



Áureo Busetto foi um dos palestrantes do evento, que reuniu estudiosos da televisão, responsáveis por organização de acervos e agentes produtores de conteúdo do meio

Vice-diretor da FCL faz um panorama de 2020 e responde a dúvidas

Marlon Junco

Este ano de 2020 foi desafiador tanto à comunidade interna – alunos, professores e funcionários técnico-administrativos –, como também à externa. Os cursos de graduação tiveram que se adaptar a uma nova modalidade de ensino implementada no momento pandêmico. As aulas na FCL/Assis, interrompidas em março, voltaram depois do meio do ano, promovendo a volta do ano letivo que foi reorganizado e planejado conforme as necessidades e possibilidades de cada curso, em respeito às especificidades das áreas. A fim de registrar como a FCL prosseguiu com suas atividades e ensino, além de tirar dúvidas e ter a visão do vice-diretor, o JNC entrou em contato com o professor Francisco Cláudio Alves Marques que está à frente da vice-direção.



Foto: Arquivo

Francisco: “Vamos levando na nossa bagagem pessoal novos aprendizados.”

JNC: Como a FCL/Assis realizou o trabalho e os projetos neste ano de 2020? Qual o panorama anual e as dificuldades enfrentadas?

Francisco: Muitos projetos, inclusive os de ordem estrutural, não puderam ser executados porque muitos servidores foram obrigados a trabalhar em casa em virtude da pandemia, mas alguns tiveram prosseguimento e foram concluídos, como as reformas da cozinha do RU e de uma sala de TV na Biblioteca, iniciadas antes da pandemia. Algumas reformas na Moradia, que estavam previstas, serão objeto de planejamento para o próximo ano. Quanto aos projetos acadêmicos – eventos, oficinas, extensão etc. – tiveram de ser adaptados para o formato virtual e foram bem sucedidos na medida do possível. Conseguimos cumprir o calendário da Extensão e outras atividades nesse formato. As maiores dificuldades enfrentadas, e não foram poucas, estiveram diretamente relacionadas com as aulas e os conteúdos. Todos, funcionários, docentes e discentes, se viram às voltas com a necessidade de dominar novas plataformas e tecnologias na tentativa de minimizar os enormes prejuízos causados pelo necessário distanciamento social. A decisão pelas aulas não-presenciais nos impossibilitou, por uma questão legal, de realizar novas compras para repor o estoque do RU, e isso trouxe algumas dificuldades para aqueles que permaneceram em Assis, razão por que tomamos algumas providências para minimizar as perdas. No entanto, sempre que grandes dificuldades se impuseram, e sempre que foi possível,

as partes envolvidas procuraram entrar em consenso.

JNC: As cargas horárias dos cursos foram revistas de acordo com cada Conselho de Curso? São notadas diferenças entre eles quanto a isso?

Francisco: A carga horária dos cursos não sofreu nenhuma alteração. O que de fato sofreu alteração foram as formas como as atividades deveriam ser propostas e realizadas para se ajustarem à carga horária. A preocupação foi que houvesse menos prejuízos à formação dos alunos. Segundo informações da Graduação, em virtude do risco de contágio, algumas atividades práticas ficaram em aberto, e deverão ser realizadas assim que possível, de preferência com segurança para os alunos. Os professores estão atentos para que o adiamento da formação não ocorra; para tanto, podem propor alternativas.

JNC: Com o retorno às aulas, no modelo on-line, os alunos do 4º ano se formarão a distância?

Francisco: Sim. A formatura será à distância e está sendo providenciada. Os quartanistas devem se formar nessa modalidade, e as providências já estão sendo tomadas pelo pessoal da Graduação.

JNC: Caso a pandemia perdure por mais um ano, quais serão os impactos para o Câmpus? A respeito disso, como é pensado o início das aulas em 2021?

Francisco: Como, lamentavelmente, a va-

cina ainda está pairando em um horizonte distante, as aulas terão início na mesma modalidade. O impacto, na verdade, é da ordem do humano e recai diretamente nas relações entre docentes e discentes: falta o consenso, falta o conflito, falta a troca de experiências, só possível face a face.

JNC: Há algum plano para mudar o quadro com falta de professores efetivos? Se não houver mais efetivações logo, o que isso implicará no ensino local?

Francisco: Diante da impossibilidade de contratação docente em 2021, lembrando que teríamos 3 ou 4 concursos, por força da lei, o quadro vai continuar como está: seremos assistidos por alguns bolsistas e substitutos até que possamos voltar a contratar em 2022. Assim esperamos.

JNC: Enquanto vice-diretor e professor da FCL/Assis, o que o preocupa e como você se sente?

Francisco: Nos primeiros meses da pandemia me senti totalmente impotente e frustrado porque não sabia que rumos as coisas tomariam. Depois fomos encontrando caminhos; todos entenderam, meio a contragosto, que as soluções apresentadas não eram as ideais, mas eram as que, naquele momento, podiam ser colocadas em prática. Os embates foram necessários, mas algumas vezes o consenso foi possível, e, apesar de no meio disso tudo, as perdas terem sido enormes, vamos levando na nossa bagagem pessoal novos aprendizados.

Gratidão a todos que fazem a FCL-Assis.

Minicurso on-line discute a linguística e a gramática das línguas de sinais

Vitória de Oliveira

No dia 18 de dezembro de 2020, a professora Angelica Terezinha Carmo Rodrigues do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara, atuando principalmente na área de línguas de sinais, promoveu um minicurso intitulado *A linguística da libras: conceitos básicos sobre a gramática das línguas de sinais*, organizado pelo “Projetos Semióticos” com apoio da UNESP de Assis, no canal do YouTube [tvfcflar](https://www.youtube.com/tvfcflar).

A professora Angelica Rodrigues informou que o minicurso procurou apresentar questões fundamentais sobre o assunto, tendo como base ouvintes que ainda não possuem conhecimento sobre a linguística das libras. Angelica abordou os seguintes assuntos: mitos sobre a língua de libras, linguística das línguas de sinais: a história de uma disciplina, aspectos linguísticos das línguas de sinais: fonologia, morfologia e sintaxe. Ao final de sua exposição, a docente apresentou, com detalhes, a pesquisa que vem desenvolvendo com seus alunos.

Angelica Rodrigues iniciou discutindo sobre os equívocos que surgem quando se fala a linguagem de sinais. Segundo a professora, as pessoas, de modo geral, tanto a mídia quanto aqueles que não pertencem à comunidade de surdos, costumam utilizar esse termo. Ela esclarece que, assim como o português, a libras também é uma língua; por isso deve-se falar em língua de sinais e não linguagem. Em seguida, a docente procurou desmistificar algumas questões, alguns mitos referentes às línguas de sinais, servindo-se de cinco perguntas que são recorrentes quando se fala do assunto: A língua de sinais é universal? A língua de sinais é icônica? A língua de sinais é o alfabeto manual? A língua de sinais tem gramática? Dessa forma a professora esclarece que, como não existe língua universal, a língua de sinais também não pode ser universal, e ela é natural e não artificial, pois se desenvolve naturalmente em ambientes em que há surdos interagindo, um ambiente propício, como em qualquer língua.

Igualmente diz que existe uma língua de sinais para cada país, como nos Estados Unidos a *American Sign Language*. No Brasil, a libras não é a única língua de sinais; também os indígenas têm suas línguas de sinais, como, por exemplo, a *Terena* e *Kaingang*. Há outras línguas de sinais faladas em vilas, como a *Cena* do distrito de Várzea Queimada, no Piauí. A língua de sinais varia de acordo com

a língua oral. Outro ponto apresentado por Angelica Rodrigues é que seria incorreto considerar a língua de sinais como icônica, e por isso como não natural; o icônico entra na língua de sinais como motivação; entretanto, uma vez criado o sinal, o icônico se perde. No que diz respeito à existência de um alfabeto manual, a docente explica que a comunidade surda não o tem, pois a língua de sinais é agrafa, não existe a cultura de sinais escrita, de sorte que não faz sentido um alfabeto para a língua de sinais. O alfabeto é utilizado por aqueles surdos que foram alfabetizados, apenas em alguns casos, como para dizer o seu nome. Mas, no contato com a comunidade surda, o seu nome será um sinal. Sendo assim, os não alfabetizados e que não conhecem o português escrito, a datilografia não será útil: as pessoas surdas não recorrem, em uma frase, por exemplo, à soletração. Em relação à gramática, Angelica Rodrigues diz que a língua de sinais tem a sua, que, porém, não está ligada à gramática da língua oral, e é diferente da língua portuguesa.

De acordo com a docente, até a década de 60 não havia trabalhos de descrição linguística sobre a língua de sinais. O primeiro trabalho que mostrou, em uma análise da fonologia da *American Sign Language*, foi o de William Stokoe, professor de inglês na Universidade Gallaudet (1960), primeira e única universidade de surdos do mundo. Angelica Rodrigues diz ainda que, no estudo linguístico das línguas de sinais, se explica que os sinais não são pantomima ou mímica, pois eles são capazes de expressar ideias abstratas e não se apoiam na língua oral, são expressões de línguas naturais com estrutura gramatical e diferem de língua para língua.

No que diz respeito à fonologia, segundo a professora, o léxico da língua de sinais é composto de sinais alçados a *status* de palavras e que apresentam unidades mínimas não-significativas. Ao citar Stokoe, a docente mostra três parâmetros identificados pelo professor, que descrevem os níveis fonológicos e morfológicos, os quais são: configuração de mão, ponto de articulação, ou locação, e movimento. Um quarto parâmetro aparece na década de 70, apresentado por Robbin Battison, Edward S. Klima e Ursulla Bellugi que é a orientação da palma da mão. Angelica diz que há um quinto parâmetro, o qual seria uma expressão não-manual, por exemplo, determinados movimentos faciais e corporais com função gramatical, que funcionam como parâmetro e se constituem como unidades não-significativas e mar-

cação de interrogação.

Referindo-se à morfologia, a professora elucida que um sinal de um aluno, por exemplo, pode funcionar como morfema, visto que ele pode ser listado, ser separado e ser produtivo. Em relação à flexão numeral, na língua de sinais, ela não é marcada pelo “S” como na língua oral, mas se configura em um outro formato e não apresenta a marca de gênero, como é o caso de “filho”, caso em que a *American Sign Language* apresenta sinais para feminino e masculino, como para “pai” e “mãe”. Contudo, a docente enfatiza que a língua de sinais não possui marcação de gênero. As explicações sobre isso foram dadas com exemplos práticos durante o minicurso. No que diz respeito à distinção do morfema de negação em libras, em alguns verbos a negação é incorporada, pois ambos se realizam ao mesmo tempo. Com relação à sintaxe, a docente informa que a língua de sinais é organizada de forma complexa, é tridimensional e realiza-se no espaço de sinalização, porque, para analisar a sintaxe exige-se um olhar atento ao sistema, que é visoespacial. Por isso, o sistema nominal e o pronominal das línguas de sinais são extremamente importantes para as relações sintáticas, visto que qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização. Vários mecanismos espaciais foram expostos por Angelica Rodrigues, com o intuito de ilustrar essa formação e funcionamento.

A professora mostrou que a ordem básica das frases na língua de sinais brasileira é SVO, mas pode haver sentenças com ordens diferentes, associadas a questões prosódicas. Quanto ao trabalho desenvolvido por ela e seu grupo, ela assinalou que encontra muita dificuldade para falar de sintaxe quando relacionada à língua de sinais, além de ser difícil delimitar o início e o fim de uma sentença; a língua de sinais não apresenta morfologia verbal e poucos estudos são feitos a respeito de orações coordenadas e subordinadas. Na libras, a docente expõe que podem-se encontrar orações adversativas, causais, condicionais de três tipos, como a justaposição, na qual fica evidente a importância da expressão não-manual, conjunção “SE” e forma “EXEMPLO”, casos que a professora explicou com o uso de vídeos que mostravam a realização dessas orações.

Para concluir o minicurso, a professora reafirma que as línguas de sinais são línguas naturais e estão sujeitas aos mesmos processos linguísticos observados na língua oral; diz também que, no contraste entre a língua de sinais e a língua oral, deve levar-se em conta a modalidade, que estabelece a distinção entre esses dois tipos de línguas. Além disso, a análise linguística das línguas de sinais traz contribuições para a linguística, na medida em que as novas reflexões são propostas a partir de dados da modalidade visio gestual.

Ex-aluno da FCL é autor de livros e responsável pela Editora E-Liber

Marlon Junco

O JNC traz aqui a entrevista concedida pelo ex-aluno da FCL/Assis, Renato de Souza que é autor, dentre outros livros, de *Um periodista em São José do Nortchê*. Renato comenta seu trajeto acadêmico, mostrando as oportunidades que se lhe apresentaram em virtude de seus estudos, em parte no Câmpus de Assis. Também fala de seus livros publicados e da editora E-liber, projeto iniciado em 2018 - criado por ele, e explica como trata do recente [site da editora](#).

JNC: Como foi seu percurso acadêmico? Que contribuição você recebeu da FCL/Assis e que influência ela exerce em você, hoje, na condição de escritor?

Renato: Fiz dois anos de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo na FEMA (2001-2002). Lá, tive aula de Língua Portuguesa, com a professora Sônia. Ela costumava me indicar e me emprestar livros de literatura. Nunca mais soube da Sônia. Ela marcou muito minha vida acadêmica. Não a esqueço. Minha trajetória começou na FCL/Assis. Transferi meu curso de Jornalismo para a UNESP de Bauru. Nela tive a oportunidade de aprender a pesquisar. Fiz Iniciação Científica (IC) com bolsa FAPESP. Em Bauru, esbarrei com o professor Adenil (falecido), meu orientador de pesquisa. Ele lecionava Semiótica, mas tinha formação em Letras. Também ele me marcou profundamente como acadêmico. Depois de me formar em Jornalismo (2005), voltei à região de Assis e iniciei a graduação em Letras. Não queria me desligar da universidade, por isso decidi começar outro curso e me preparar para o mestrado, coisa que ocorreu um ano e meio depois. Na UNESP de Assis, encontrei outro professor de Letras que me incentivou a dar sequência a projetos e estudos: Gilberto Martins. Primeiro, Gilberto me orientou com uma IC, com bolsa FAPESP. Depois me orientou no mestrado, quando tive a felicidade de conseguir bolsa FAPESP. Tudo isso pra dizer que minha passagem pela UNESP de Assis me fez amadurecer muito como pessoa e como pesquisador em Literatura. Foi a partir do mestrado que pude começar a pensar concretamente em escrever livros. E a figura do Gilberto, que hoje participa como conselheiro no projeto da Editora E-Liber, tem papel central na minha trajetória. Foi com Gilberto que comecei a me interessar por escritores contemporâneos e a perceber, nesses modelos de escrita e perfis de seres humanos, mestres que pudessem me fazer experimentar novos modos de escrever e pensar.

Na verdade, lancei meu terceiro livro recentemente: *A Namoradina de Tarumã e outras histórias*. O quarto livro *Ubá - pojos e botecos* lançarei nas próximas semanas.

JNC: Como surgiu seu recente livro *Um periodista em São José do Nortchê*? Conte um pouco sobre o processo de criação.

Renato: Em 2013, para fazer o doutorado, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, localizada na cidade de Rio Grande, situada na margem da Lagoa dos Patos. Do outro lado da lagoa ou laguna (termo correto) fica o município de São José do Norte. Gostei da cidade e lá fui morar. Tive a felicidade de conseguir bolsa FAPERGS (versão gaúcha da bolsa FAPESP). Pude fazer o doutorado com certa tranquilidade financeira. Nas horas vagas, inventei de escrever crônicas sobre o Norte e os nortenses - como os habitantes locais são chamados. Curiosamente, eu estudei o gênero crônica no doutorado, no caso, as crônicas de Plínio Marcos, no contexto da ditadura militar (1964-1985). Juntei conhecimentos acadêmicos sobre crônicas e minhas leituras de Gay Talese, Hunter Thompson, Geor-

ge Orwell e do próprio Plínio Marcos e João do Rio para experimentar alguns escritos pessoais. O resultado foi bastante positivo. Consegui contar histórias de personagens e discorrer sobre temas das margens da Lagoa dos Patos que me permitiram preparar e lançar um novo livro.

JNC: Há autobiografia em suas narrativas? Quais são os reflexos de sua vivência na escrita?

Renato: Eu diria que há muito de autoficção. Prefiro esse termo à autobiografia. No livro de contos *Diários de um jornalista sem solução*, por exemplo, há muita coisa de autoficção ou de biografia; escrevi esse livro quando tive oportunidade de morar em Brasília (2012) e por um breve período pisei na UnB como aluno matriculado. Acabei nem estudando lá, porque ocorreu uma greve de seis meses e tive de sair da cidade para trabalhar num jornal no sul do Rio Grande do Sul, meses antes de eu iniciar o doutorado. No livro *Diários de um jornalista sem solução* até o professor Gilberto Martins virou personagem, na pele do professor e crítico literário Gilberto Ferretto. Mas, meu primeiro livro



Fotos: Arquivo pessoal

Renato de Souza criou a E-Liber, editora especializada em livros artesanais



Fotos: Arquivo pessoal

O primeiro livro publicado teve como inspiração o período em que o autor viveu em Brasília

é pura ficção. O que fiz foi usar o cenário da UnB e de Brasília como pano de fundo. Meu amigo Jerônimo Dantas, veterano na UNESP de Assis (2006), além de outros amigos e familiares, também virou personagem no livro. O segundo livro - *Um periodista em São José do Nortchê e outros casos* - já possui projeto literário distinto, na comparação com o livro que tem a capital federal como tema.

JNC: Como foi criado o projeto editora E-Liber? Foi para a publicação de seus livros?

Renato: A editora E-Liber, especializada em livros artesanais, é um projeto criado por mim e hoje tocado abertamente e em conjunto com alguns amigos acadêmicos e amantes das letras e da literatura. Amigos que fiz na UNESP de Assis e na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, entre outros. A editora é um sonho ou propósito de longa data. Iniciei o projeto com a publicação de *Diários de um jornalista sem solução*, no final de 2018. Em 2019, lancei *Um periodista*



Fotos: Arquivo pessoal

O autor acaba de publicar a obra "A namoradina de Tarumã e outras histórias"

em *São José do Nortchê e outros casos* e *Too much - rock'n roll e outras lendas*, este de autoria de meu amigo Carlos Cardoso, o Tomate, com quem fiz amizade em Jaguarão, quando lá pisei em janeiro de 2013. Atuei por dois meses como editor e repórter do Jornal Pampeano, veículo que tive de abandonar para me dedicar integralmente ao doutorado. Eu estava de volta a Jaguarão, em 2019, ano em que a segunda e terceira publicações E-Liber ganharam vida social. Nos dois primeiros anos de E-Liber, eu estava sem "grana" e subempregado. Iniciei o projeto a duras penas, precisando de dinheiro. Neste ano, 2020, apesar da pandemia, pude expandir o projeto porque peguei umas aulas numa prefeitura do Meio-oeste catarinense. Pude assim investir em equipamentos e em novas edições e publicações. Fecharemos o ano de 2020 com pelo menos 13 ou 14 obras no catálogo, entre elas, *Inútil canto* e *Inútil pranto pelos anjos caídos*, de Plínio Marcos. Criei a editora, mas friso que não é um projeto pessoal ou individual. Está aberto a quem se interessar por edição e for amante das letras e da literatura e temas afins.

JNC: Com que objetivo o site da editora é organizado do modo como está? Quando e como foi idealizado o projeto?

Renato: O site foi montado para se tornar plataforma de um coletivo de editores, conselheiros e colaboradores E-Liber. Foi colocado no ar recentemente e ainda precisa de ajustes. A página tem o objetivo de ser vitrine para os livros e um modesto portal de comunicação que não deverá se restringir apenas ao tema E-Liber, mas a de outras pequenas editoras e projetos distintos. A ideia é que, em 2021, o site possa estar operando da forma que desejamos. Com um maior fluxo de informações e uma maior quantidade de títulos no catálogo.

Brincando com palavras



Foto: Google

Por Marlon Junco

Eu sempre gostei de palavras. Amava as letras desde pequeno. Chegava até sonhar com elas. Mamãe dizia pra sair do mundo dos livros, que não ia ter futuro. Eu não entendia, ela queria que eu lesse livros de História ou Geografia. Mas nada daquilo me interessava. Gostava é dos meus amigos-personagens. Nós aprontávamos tanta coisa. Eu e o Pedrinho saíamos para caçar saci, às vezes íamos atrás da mula sem cabeça. O Maluquinho me acompanhava nas aventuras pela cozinha da mamãe. O Joãozinho e a Maria estavam sempre presentes, às vezes me traziam doces escondidos. Minha família não me deixava comer o que eu queria, por isso chamava os comparsas dos livros.

Essas letras me puxavam pra um mundo diferente e eu ficava alegre no meu cantinho debaixo do pé de laranja lima ou então lá no sofá. Ah, e me irritava quando ligavam a televisão. Coisa mais chata ver tragédia todo dia, mas titio gostava. Será que aquilo era um tipo de literatura pra

ele? Não sei, mas acho que ele se transportava pras notícias.

Ah, minha diversão não tinha pra ninguém. Queria ver alguém achar algo melhor que livro. Nossa, eu ficava doido quando a Mariane ganhava livros. Pedia um e ela dizia: - Tô lendo. Eu sabia que era mentira. Mariane só queria saber é de brincar e nem sabia que podia brincar com palavras. Coitada, não tinha noção do que perdia. Ela era rica e os pais queriam que lesse pra ficar inteligente.

Eu via aquilo e pensava, se for pra ser inteligente, nem leio nada. Eu quero é diversão, alegria e compartilhar minha vida com meus amigos. Não achava ninguém mais interessante que livro. Bando de crianças que brigavam por bobei-ras, sempre chorando. Na época, eu não conhecia a palavra fútil. Mas depois que aprendi o que significava, sai dizendo: - vocês são todos fúteis!!!

Choravam por ter caído, porque o colega disse algo bobo ou só porque queriam algo. Eu olhava e me irritava. Então, começava a ler e saía daquele circo infantil. Aí, sim, ia viver a vida. Eu podia cair e nem chorava, porque o Peter me levantara e o Maluquinho com sua panela me protegia. Quando voltava da escola, chegava em casa e contava as histórias que tinha conhecido pra mamãe.

Mas ela não me entendia de jeito nenhum. Falava que eu não tinha jeito e que precisava sair daquele mundinho. Eu me revoltava: - Poxa, mãe. Mundinho é aquele do Zé Pedro que só fica em videogame, não vejo graça. Só que eu respeito o Zé, né? Queria que vocês me entendessem também.

Era sempre aquela fala: - saia desse mundinho. Aí resolvi nem ligar mais; afrontava mamãe e dizia: - Vou pro meu mundinho, tchau! Tudo bem que quase voava a chinela em mim, mas valia a pena. Queria é ser feliz, brincando com palavras. Cada um brinca do jeito que quer, né?

O único que me entendia era o meu avô que falava pra eu ir em frente e não escutar mamãe. Ele até dizia que ela era daquele jeito porque se desiludira com a vida difícil que teve. Segui os conselhos de vovô e estou bem até hoje. Só tenho 14 anos e mesmo assim tô melhor que muita gente fútil. Sim, ainda penso nisso. Tenho mais amigos infantis do que adolescentes de verdade, é complicado. Mas eu gosto muito deles, só que meus livros e personagens-parceiros não abandono por nada. Falando nisso, vou lá pro meu mundinho. Tchau!

2020: representantes de departamentos analisam este ano tão marcante

Valorização do convívio presencial e a importância da solidariedade são temas presentes nas falas dos docentes

Karen Titz

O ano de 2020 não foi fácil para os alunos, professores e funcionários; no entanto, é impossível negar que aprendemos muito como sociedade, como profissionais, como alunos, como pesquisadores e como pessoas. Para comentar a respeito de como foi trabalhar em um ano tão atípico, convidamos dois representantes dos departamentos dos cursos da UNESP/Assis, que nos relataram suas impressões e expectativas sobre este período.

A professora Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho, do Departamento de Letras Modernas, deixa sua mensagem: "Finalizando um ano letivo diferente, em que fomos sacudidos pela vida e também aprendemos muito! Mesmo em meio a tantas dificuldades é tempo de agradecer e acreditar que a vida presencial e 'olho no olho' vai retornar... quando a tormenta

passar... Bom recesso a todos, docentes, técnicos administrativos, discentes da UNESP/Assis. Que voltemos com alegria, saúde e energia para um 2021 com mais esperança!"

Do Departamento de História, o professor Áureo Busetto também faz sua retrospectiva do ano de 2020: "Embora docentes, alunos e servidores do curso de graduação e pós-graduação em História se tenham cercado, em conjunto e com diligência, de alguns procedimentos e expedientes para, diante da situação imposta pelo isolamento social, atenuar o máximo possível prejuízos às atividades acadêmicas e administrativas, não resta dúvida de que todos se ressentiram da ausência do trabalho e convívio presencial. Houve certamente dificuldades de adaptação à nova modalidade de aulas, estágios, sessões de orientações, eventos acadêmicos e reuniões de órgãos colegiados, além das referentes ao acesso à internet e a serviços adequados de conexão, sobretudo da parte dos alunos do curso de

graduação em História - dado a reforçar, ao mesmo tempo, a inclusão social que se processa no curso e a desigualdade social vigente no tre o despautério e o meramente paliativo -, conhecimentos da área foram difundidos, intercambiados e produzidos entre docentes e alunos durante a ocorrência do primeiro semestre letivo, desenrolado entre agosto e dezembro deste ano. Ademais, no transcorrer de tais experiências ficou evidenciado em nós o quão importante e vital são o convívio presencial e a responsabilidade social, envoltos pelo espírito de solidariedade. Que no ano vindouro, tal necessidade sentida seja retomada o mais brevemente no cotidiano mundial, ficando o então vencido 2020 vivo em nossa memória não apenas como um ano terrível, mas, também, de podermos aprender, mais uma vez, os imperativos do bem e justo viver em sociedade. Que as aulas presenciais sejam retomadas o mais rapidamente e que possamos nos reencontrar pelo nosso Câmpus entre abraços fraternais".



Foto: Google

Entrada da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, onde as aulas presenciais tiveram que ser suspensas por causa da pandemia da Covid-19. "Mesmo em meio a tantas dificuldades é tempo de agradecer e acreditar que a vida presencial e 'olho no olho' vai retornar", comenta a professora Kelly, do Departamento de Letras Modernas.

Mensagem da Direção

Agradecemos, imensamente, a toda a comunidade da FCL-UNESP/Assis, ao servidor docente, ao técnico-administrativo, ao aluno, pela preocupação demonstrada em relação à situação que estamos enfrentando, bem como por todos os esforços envidados para que nossa Faculdade desse continuidade às suas atividades em 2020 e para que pudéssemos não apenas realizar parte de nossos projetos, mas principalmente manter a convivência possível. Foi imprescindível o envolvimento de todos: entre resistências e anuências construímos mais um ano letivo que vai ficar na história do nosso Câmpus, das nossas vidas, das nossas carreiras. Vamos iniciar o 2021, lembrando os versos da bela canção de Beto Guedes, os quais serviram de slogan para assumirmos a direção do Câmpus em 2019: "Vamos precisar de todo mundo/ Um mais um é sempre mais que dois". Mas deixemos de lado a campanha e fiquemos apenas com o apelo da canção, a fim de fazermos a diferença na luta por um Brasil melhor: "O sal da terra".

Darío e Francisco

